

Real muda de rota e causa falências e demissões

■ Taxas de juros elevadas, as maiores do mundo, levam dificuldades às empresas e aumentam em 411% pedidos de concordatas

SÃO PAULO — O Plano Real, que deu um grande impulso nas vendas da indústria e do comércio entre julho e fevereiro, mudou definitivamente de rota. As taxas de juros elevadas, as maiores do planeta, tiveram um efeito fulminante e empurraram a economia para o atoleiro, causando desemprego e levando muitas empresas a acenderem o sinal vermelho.

Levantamento nacional da Serasa (empresa que centraliza as informações do sistema bancário), concluído ontem, revela que o número de concordatas pedidas aumentou 411% em maio em relação ao mesmo mês do ano passado. Foram 256 pedidos, o maior volume desde o período crítico da reversão do Plano Cruzado, em meados de 1987. Os títulos protestados mensalmente passaram de 303 mil para 703 mil em maio, a pior situação verificada nos últimos dez anos. As falências requeridas (2.095) cresceram 70%.

Tendência — Entre as saídas para contornar a crise, a demissão é cada vez mais comum. Em sua pesquisa semanal do nível de emprego, divulgada anteontem, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) confirmou essa tendência: pela sexta semana consecutiva houve demissões - 2.891 na primeira semana de junho. O Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo entregou ao presidente Fernando Henrique, na segunda-feira, estudo mostrando que 54 indústrias da cidade dispensaram 1.876 trabalhadores representados pela entidade somente em maio.

Além disso, quatro deram conceder férias coletivas, nove reduziram a jornada de trabalho e 69 atrasaram o pagamento dos salários. Ontem, segundo o sindicato, cerca de 800 funcionários de quatro dessas indústrias - Sthral, Mangoflex, Diffasa e Fabro - encontravam-se em greve, por não terem recebido os salários de maio. "Argumentei com o presidente que este é um primeiro sinal de que as coisas

EM QUEDA LIVRE

Empresas em dificuldades

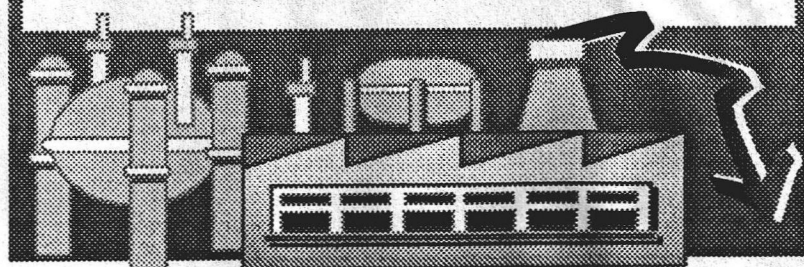
	Maio-95	Maio-94	Var. (%)
Concordatas requeridas	276	54	411
Falências requeridas	2.095	1.235	70
Títulos protestados (mil)	703	303	132

Fonte: Serasa

Emprego industrial*

Semana	Demissões	Var. (%)
1ª/maio	1.974	-0,08
2ª/maio	1.021	-0,04
3ª/maio	1.489	-0,06
4ª/maio	1.055	-0,04
5ª/maio	4.437	-0,19
1ª/junho	2.891	-0,12

* No Estado de São Paulo, segundo a Fiesp.



não vão bem. A situação é preocupante", diz o presidente do sindicato, Paulo Pereira da Silva.

Créditos — O diretor da Serasa Francisco Ávila Filho afirma que as empresas, principalmente as endividadadas, têm enfrentado extrema dificuldade em obter novos créditos. Como não conseguem rolar as dívidas, acabam executadas. "Os bancos e financeiras estão cada vez mais seletivos. As empresas ficam sem ter a quem recorrer", observa Ávila. Ele prevê que o levantamento da Serasa deverá apresentar novos índices negativos no final deste mês. "Esperamos que em julho comece a haver uma certa reversão", afirma Ávila.

Com o início da crise, o mercado

de trabalho para operários da área da produção — que desde o início do Real vinha sendo contratador — está estagnado. O metalúrgico Ivanildo Farias dos Santos, de 23 anos, passou os últimos 45 dias à procura de um emprego e ainda não encontrou. "Nunca foi tão difícil conseguir trabalho como agora", atesta.

Após quatro meses no emprego, Santos foi demitido da Indústria Correia dia 6 de maio, juntamente com cinco colegas de trabalho. "Eles alegaram que o serviço estava fracassando", lamenta. Ele ressalta que, por sorte, é solteiro. "Pelo menos dá pra me virar", diz Santos, sem o antigo salário de R\$ 297,00 que recebia da Correia.